



# Revista Pai Inácio de Literatura e Arte



Universidade Estadual de Feira de Santana  
Campus Avançado da Chapada Diamantina

## Apresentação

**N**ão é difícil reconhecer o papel da Universidade no que tange ao desenvolvimento social e econômico de uma região a partir das ações desenvolvidas nos campos do ensino, da pesquisa e da extensão, cujos impactos específicos são claramente mensuráveis. Há, contudo, uma outra dimensão do fazer universitário que não é tão imediatamente associado ao tripé universitário, mas não é menos relevante socialmente, o fomento à cultura artística.

Na década de 1950 a criação da Universidade Federal da Bahia, com seus cursos de música e dança, ensejou o que foi chamado depois de “Renascimento baiano”. Pela nova Universidade, ou pelas ações por ela promovidas naquele período, passaram figuras icônicas da cultura popular brasileira, como Tom Zé, Caetano Veloso e Gilberto Gil, que protagonizaram movimentos de renovação estética e musical de alcance nacional. No mesmo período a Escola de Belas Artes renovava-se, dando abrigo a artistas que fizeram chegar finalmente o modernismo às artes visuais baianas. Bem mais recentemente a criação do Centro Universitário de Cultura e Arte (CUCA), pela UEFS, em Feira de Santana, deu início a uma experiência das mais impactantes para aquela comunidade. Desde 1995 CUCA é reconhecidamente a entidade que mais promove cultura artística na segunda maior cidade do estado, seja por meio de um programa de oficinas de formação artística que já atendeu a mais de 60 mil pessoas em vinte e quatro anos, ou da promoção ou resgate de eventos culturais diversos, alguns dos quais se tornaram parte do calendário cultural do município. Em todos esses cenários, os impactos de tais fenômenos foram diversos e ainda ecoam, seja pelas atividades econômicas que estimularam, pelas mudanças estéticas, ou ainda por seus efeitos na ordem dos costumes e valores que promoveram.

Em Lençóis, o Campus Avançado da Chapada Diamantina (CACD) tem um potencial similar a desenvolver. A cultura artística local, reconhecidamente rica e diversificada, tem um papel latente que vai além do que o olhar menos atento supõe ser mero diletantismo ou ambientação. A cultura e seus agentes, os artistas, têm a capacidade de nos fazer ‘olhar’ para o que está ao nosso redor, permitindo-nos superar o anestesiamento que o cotidiano impõe aos nossos sentidos em relação ao lugar onde estamos. A arte efetivamente nos faz ‘ver’ o que compõe o nosso espaço e tempo, e que por estar ali nos influencia (ainda que inconscientemente) contribuindo para fazer de nós quem somos.

Os artistas ‘locais’ mais frequentemente e com mais impacto são os que melhor logram nos alcançar nesse processo de ampliação do olhar, pois eles, mais a miúdo e, arriscamos dizer, por estarem mais próximos e conhecedores daquele cotidiano que nos entorpece, são os que normalmente melhor conseguem subvertê-lo, confrontá-lo com seu olhar e sensibilidade. O registro artístico de seu olhar sobre as sutilezas do dia a dia não percebido por nós outros é o que nos oportuniza a experiência do ‘ver’. Por sua percepção se viabiliza o nosso olhar sobre nosso ambiente e sobre o que nos define.

Os trabalhos de artes visuais e cênicas compilados nesta edição da Revista Pai Inácio reúnem essa virtude. São desenhos, pinturas, fotografias e roteiros cênicos que têm em comum o mérito de nos provocar. Imagens que nos remetem ao que é familiar, mas ao mesmo tempo inusitado. Traços de nossa cultura que dialogam e se moldam na aproximação com referências externas e universais. São trabalhos e artistas que nos instigam a ver nosso espaço e realidade (mesmo os familiares) para além das obviedades. E a revista, ao fazê-lo, dá concretude ao papel institucional do CACD de oportunizar o registro dessas expressões e do que elas comunicam acerca da sociedade e do estar em Lençóis ao fim dessa segunda década do século XXI, ao mesmo tempo em que, como plataforma que confere visibilidade, incentiva outras reflexões e produções. É o desenho de um círculo virtuoso que, estamos certos, frutificará, estimulando novos sujeitos, novos olhares, novas contribuições.

ALDO JOSÉ MORAIS SILVA  
Diretor do Centro Universitário de Cultura e Arte



**A** poesia e a narrativa nascem do coração e das vozes do povo. É assim que a Chapada Diamantina produz, além das belezas e riquezas naturais, expressões de amor à terra e registros de histórias do lugar. Pessoas, festas, histórias de rios e garimpos povoam os textos recebidos pela Revista Pai Inácio de Literatura e Arte.

Sabemos que a produção literária nomeia as experiências humanas e através dela é possível refletirmos sobre nossa identidade e nossas relações com os outros. Os textos aqui selecionados demonstram, em intenção e gesto, a identidade da cultura da Chapada, seu modo de falar e de viver. A linguagem é simples e coloquial, mas plena de vontade de expressão e de afetividade. As formas de narrativa ou poema se revezam nas produções, sempre engajadas numa forma de contar que demanda um leitor que seja como um interlocutor ou ouvinte atento, pronto para o diálogo.

Encontramos nos textos uma terra que é mãe e faz nascer gente de força e coragem, uma religiosidade forte, histórias de perda e dor em meio ao garimpo e à lida na roça. Mas também contos em que se reflete sobre a contenção, a censura, a falta de amor, poemas sobre a vida e suas complexidades, sobre a luta pela terra e pela justiça.

Em todos, escrevem pessoas de carne e osso, a partir de suas memórias e imaginações, a partir de seus desejos e sonhos. Em todos, o leitor encontrará vida que jorra, como um rio grande e forte sobre a terra da Chapada.

Boa leitura!

PROF<sup>ª</sup> FLÁVIA ANINGER DE BARROS ROCHA  
Universidade Estadual de Feira de Santana